

**20/1/1985**

**PERSPECTIVAS NACIONAIS**

(...)

**Greve atropela lideranças em SP**

A greve dos bóias-frias de Guariba e da região de Ribeirão Preto — suspensa no final da semana passada — obrigou as duas correntes políticas do sindicalismo paulista a reconhecerem que haviam perdido o controle do movimento, mas acabou provocando, pela primeira vez em todo o Estado, uma negociação direta entre a Federação da Agricultura do Estado (Faesp, patronal) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetaesp).

O movimento começou em Guariba no último dia 3 e foi deflagrado pelos 1 mil 100 desempregados da cidade (de um total de 5 a 6 mil bóias-frias). Para reivindicar trabalho, os desempregados fizeram piquetes e conseguiram, nos primeiros dias, a adesão dos empregados. A paralisação do trabalho em Guariba, liderada por sindicalistas locais vinculados à Central única dos Trabalhadores e ao PT, pranteou uma disputa política pela liderança do movimento.

Líderes vinculados à Fetaesp (Federação dos Trabalhadores na Agricultura de São Paulo) procuraram recuperar a liderança do movimento e orientaram a paralisação em cidades próximas a Guariba, como Barrinhas, Jaboticabal e outras. No último dia 9, em consequência desta iniciativa, estavam parados 28 mil bóias-frias em 5 cidades da região de Ribeirão Preto. A Fetaesp é uma federação comandada por dirigentes moderados e outros vinculados ao Partido Comunista Brasileiro. Politicamente, está filiada à Conclat — Coordenação Nacional das Classes Trabalhadoras, embrião de Central Sindical que se opõe a CUT petista.

A explosão do movimento dos bóias-frias, porém, ultrapassou as lideranças das duas correntes sindicais, que abertamente admitiram a perda de seu controle.

Em assembleias dominadas basicamente por desempregados, os bóias-frias passaram a rejeitar as propostas de volta ao trabalho, apesar do esvaziamento do movimento e dos apelos das lideranças que não viam possibilidade de conquistar reivindicações (basicamente, mais empregos e um aumento da diária para 20 mil cruzeiros, contra os 7 a 10 mil cruzeiros atuais) no atual período de entressafra.

O temor de descontrole ainda maior dos bóias-frias e a lembrança das depredações do ano passado, porém, levaram a Faesp (patronal) e a Fetaesp (trabalhista) a iniciar negociações diretas pela primeira vez na história. Paulista, embora o dissídio oficial dos trabalhadores rurais seja a 15 de setembro. Estas negociações iniciaram-se na última terça-feira, por intermédio do Secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto.

Nunca na história da agricultura de São Paulo, as duas federações haviam se reunido para discutir diretamente um acordo entre as partes, reconheceu o próprio presidente da Faesp, empresário Fábio Meirelles. Desde a instituição do dissídio coletivo no setor rural de São Paulo, há 8 anos, todos os contratos coletivos de trabalho foram decididos pela Justiça do Trabalho, sem negociação entre as partes.

(...)

**(Página 4)**